CASSIANO NEVES

A vida interior dos tuberculosos

LISBOA
1 9 4 0

RC
MNCT
616
NEV

CASSIANO NEVES

A vida interior dos tuberculosos

parque ciência viva
HERCULANO DE CARVALHO
AC
MNCT
616
NEV

LISBOA
1940

Creio que o estudo da vida interior dos tuberculosos muito interessa, não só aos médicos, mas também aqueles que na família, no dispensário, no sanatório, no hospital, têm de lhes fazer a assistência do corpo e da alma, momento a momento, como se tratasse de assistir maternalmente a crianças, ora encapeladas, ora dôces e serenas, a adolescentes inquietos ou a velhos precoces, todos dotados de uma opulenta vida psíquica.

É, que, como veremos, o tuberculoso tem mentalmente uma idade diferente da idade real, realisando tres tipos mentais: criança, adolescente ou velho, sem o ser pelo calendário...

O estudo da psicologia dos tuberculosos foi, em Portugal, focado pelos drs. Basílio Freire, Sobral Cid, Costa Ferreira, Carlos Eugénio Correia da Silva (Paço d'Arcos) e Ladislau Patrício. Dizia o malogrado professor Costa Ferreira que há um facies psiquico-tuberculoso, como também um facies físico. Esta nota é verdadeira. Vejamos primeiro o facies físico.

O professor Kretschmer fêz um ensaio para re-

lacionar a constituïção somática com as qualidades psíquicas. Distingue três tipos fundamentais de arquitectura corporal: o asténico, o atlético e o pícnico, aos quais se pode acrescentar o tipo displástico, caracterizado pela acumulação de estigmas degenerativos. Vejamos:

O asténico é o que apresenta fraco crescimento em largura com considerável crescimento em altura; homem magro, alto e delgado, com espáduas apagadas, peito estreito e chato, apagamento do queixo, fronte fugidia, perfil anguloso, com a extremidade do nariz como vértice e nariz desmedido.

O atlético tem as espáduas largas, figura grandiosa, esqueleto robusto, músculos em relêvo e ossatura maciça, crâneo superior sólido, queixo vincado, contôrno da face de forma oval.

O pícnico é a figura cerrada de rôsto mole e largo, assente em um pescôço curto e maciço, com tendência à adiposidade, peito abaülado, ventre cheio de gordura, adelgaçamento dos aparelhos do movimento (espáduas e extremidades), com o crânio grande, redondo e largo, não muito elevado, com modelação plástica da superfície e harmonia das proporções principais.

Êstes tipos corpóreos põe-os Kretschmer, em relação com os dois grandes grupos de psicoses: a *esquizofrénia* e a *ciclofrénia*. Verifica que os circulares são, pela maior parte, pícnicos, os esquizofrénicos, pela maior parte, asténicos, atléticos ou displásticos. Reparte os homens, segundo o

seu carácter, em dois grandes tipos — esquizoide e cicloide, que correspondem aos domínios formais das duas psicozes constitucionais. Ainda que alguém queira considerar esta doutrina como insustentável, nas suas orígens, ela não deixa de ter certo sentido, como se vê pelas relações de conjunto e constitui uma antecipação ousada do conhecimento dos factores vitais. Os tipos de Kretschemer, pelo menos, representam em parte figuras isoladas por intuïção. E esta, a intuïção, tantas vezes clarifica um problema escuro, como o faz a arte e não o conceito.

Se modelarmos um pouco os tipos asténicos e alguns atléticos de Kretschemer, caïremos no tipo físico vulgar do tuberculoso, descrito nos livros médicos, nos romances e nos dramas.

A silhueta delgada, a altura desproporcionada para a largura, o peito chato com ângulos muito agudos das costelas, na anatomia do vivo, que é a radiologia, o coração em gôta, o perfil anguloso, os olhos húmidos, grandes e brilhantes, os cabelos negros, com sobrancelhas vincadas — eis a fusão dos tipos asténico e atlético em que a tuberculose escolhe especialmente as suas vítimas. Refiro-me ao tipo vulgar e português.

Landouzy descreveu um tipo que arrasta atrás de si uma grande fatalidade de doença, menos vulgar, o tipo veneziano, dos pintores de Veneza, sardento, arruivado.

Margarida Gautier, a *Mimi* de Murger, *Lea* de Prevost, *Ellen* de Jean Lorrain, a *Maricas* de

Trindade Coelho, etc., são fìsicamente tipos de constituïção asténica.

Em Portugal a tuberculose tem ceifado prematuramente um grande número de homens de letras e artistas: os poetas Soares de Passos, Guilherme Braga, Luíz Carlos, Hamilton de Araujo, Eduardo Coimbra, António Fogaça, João Lúcio, Cesário Vêrde, António Nobre, José Duro, Gonçalves Crespo, Vaz Passos, José Cordeiro, Júlio Baptista Ripado, António Pinheiro Caldas, Augusto de Mesquita, o poeta e dramaturgo Manuel Larangeira, Dias de Oliveira, Alves Martins, Vicente Arnoso, Florbela Espanca; os romancistas Silva Gaio, Júlio Diniz, Leite Bastos, Ernesto Pinto de Almeida, Rodrigo Paganino, Francisco Maria Bordalo, Eça de Queiroz, os dois Barros Lobo, Francisco e Eduardo, êste que escreveu sob o pseudónimo de *Beldemonio;* o humorista André Brun; o médico e polígrafo Manuel Penteado; os professores Sousa Martins, Higino de Sousa, Pinto de Magalhães, Clemente Pinto, António de Pádua, Júlio de Matos, Carlos França, Aníbal Bettencourt, Carlos Eugénio Paço d'Arcos, Magalhães Colaço; os eruditos Caldas Aulete, Venâncio Deslandes e José Ribeiro de Guimarães; o grande orador Santos Silva, o propagandista socialista Ernesto da Silva, o jornalista Armando da Silva, o grande Oliveira Martins, o benemérito Barão de Castelo de Paiva, os pintores Vieira Portuense, João Galhardo e Eduardo Reis. Dos escritores brasileiros, Martins Pena, o criador da

comédia brasileira, os poetas Castro Alves, Álvares d'Azevedo e Casimiro de Abreu, faleceram, também, de tuberculose. O poeta brasileiro Gonçalves Dias, já, em consunção, não morreu da doença, porque um naufrágio o vitimou.

Não me alongo na estatística de homens célebres, médicos, escritores, pintores ou músicos estrangeiros, que foram vítimas desta doença, como Molière, Milton, Rousseau, Kant, Locke, Emerson, Spinosa, Bichat, Laennec, Roberto Koch, Voltaire, Amiel, Merimée, Laurence Sterne, Wateau, Mozart, Chopin, Weber, Mendelsohn, Bellini, Pergolese, Benjamin Godard, etc.

Creio que êstes nomes valem tanto como todos os gráficos que às vezes, tenho produzido. Tôda esta notável plêiade de homens superiores (alguns dos portugueses conhecemo-los pessoalmente, outros pela iconografia) eram quási todos de constituïção asténica. A tuberculose vitimou a mor parte em plena floração, quando mais podiam produzir.

De quási todos êles se podia dizer o que Liszt dizia de Chopin, o poeta do piano: «O conjunto da sua pessoa faz-nos pensar em certos lírios que se baloiçam sôbre talos duma incrível flexibilidade e cujas corolas de delicadas côres, se desgarram ao menor contacto».

Não é, pròpriamente, do tipo físico desta doença, mas sim do seu tipo mental (aliás, como já dissemos, encadeados, como que por uma fatalidade) que quero falar.

Achille Delmas — diz Maurice de Fleury—teve um belo dia — seguramente um dos seus melhores dias — a ideia de pôr em paralelo as suas (inexactas, parece-me) cinco constituïções mórbidas com os estados de alma normais. E chegou à conclusão de que os agrupamentos de tendências que formam as constituïções psicopáticas são os mesmos em psicologia que em psiquiatria, de maneira que a cada constituïção psicopática corresponde uma constituïção psíquica especial.

Mas, são sobretudo os mestres de língua alemã que, numa grande síntese das constituïções psicopáticas, nos guiam nas gradações do que vai do normal ao patológico.

Os dois principais grupos de psicoces constitucionais endógenas, podem-nos servir de guia através do domínio complicado da psicologia individual constitucional.

A loucura maníaca — depressiva ou circular — oferece-nos a variedade mórbida do grande quadro psicológico normal formado por os temperamentos ciclotímicos; enquanto que as psicoces esquizofrénicas ou a demência precoce representam a hipertrofia de outro grande quadro normal formado por os temperamentos esquizotímicos. É verdade que ùltimamente esta doutrina é contestada, no que respeita à demência precoce, a qual se não manifesta sem a intervenção de um factor processivo cerebral, embora ainda hoje desconhecido. De loucos, todos nós temos um pouco. Os lou-

cos, circulares e esquizafrénicos, não seriam mais do que ampliações caricaturais de temperamentos ciclotímicos ou esquizotímicos — os dois grandes grupos esquemáticos em que — pobre humanidade — nos podemos dividir.

Um pequeno parêntese para anotar o que entendemos por temperamento: o conjunto das tendências dinâmicas e funcionais que determinam a maneira individual de ser e de reagir, ao ambiente, sem esquecer a maneira como reagimos, às doenças que nos assaltam.

Desde a antiguidade que entravam na noção de temperamento factores nervosos e humorais; e hoje sabemos que a correlação entre a estrutura do corpo e do temperamento se estabelece por via endocrinica e humoral.

A tuberculose, pela variedade da sua marcha, pelas localizações secundárias possíveis e mesmo freqüentes no decurso da evolução da sua forma mais vulgar — a tuberculose pulmonar — e pelas modificações que imprime ao organismo nos seus humores, especialmente às glândulas de secreção interna e particularmente à tiroideia, representa um verdadeiro esquema de tôda a patologia.

Muitas vezes o início das doenças infecciosas pode reconhecer-se na mudança do humor, particularmente nas crianças. Diz Pottenger que em algumas crianças a intoxicação tuberculosa perturba e transtorna precocemente a balança do sistema nervoso; e que esta influência perturbadora se exerce com freqüência durante largo período

de tempo, antes que a tuberculose clínica se patenteie.

Diz que uma árvore genealógica fímica se encontra muitas vezes nas crianças delicadas, pálidas e delgadas, nervosas, instáveis, que se excitam com tudo, que tem o carácter desigual, a inteligência viva e ágil. Passam fàcilmente da alegria à tristeza, muito sensíveis às repressões e aos ralhos. Crianças-homens sob ponto de vista mental, que se interessam por tôdas as coisas, fazendo sem cessar preguntas de difícil resposta. Os pais, regra geral, interpretam êstes estados ao contrário, dizendo que a debilidade física é produzida pelo desenvolvimento precoce da inteligência. Estas crianças esgotam-se na dissipação das suas falsas energias. Não estão um momento em repouso; são, ora violentas, ora emotivas, com verdadeiras explosões afectivas. São propensas aos sonhos, aos pesadêlos, aos terrores nocturnos.

Para realizar um tipo mental francamente cicloide ou esquizoide, é necessário possuir desde o berço uma constituïção psicológica *sui generis*. A tonalidade psíquica—e aqui, eu, que não sou, nem psicólogo nem psiquiatra, quási me limito a traduzir Kretschemer — oscila, em cada um dêstes temperamentos, entre dois polos opostos: nos ciclotímicos, principalmente entre a alegria e a tristeza; nos esquisotímicos, entre a sensibilidade e a frieza. Mas, sobretudo, o que nos pode interessar, depois das proporções entre as diferentes to-

nalidades psíquicas dum temperamento individual, são as tonalidades que, ao tipo dominante, imprimem elementos que lá teem sido introduzidos pela hereditariedade.

As que incidem sôbre o ritmo psíquico contribuem para acrescer a riqueza das variedades do temperamento. O temperamento do ciclotímico é caracterizado por uma sucessão regular dos actos psíquicos, por uma reacção directa, natural, à alegria e ao sofrimento; mas o seu ritmo geral oscila entre uma grande velocidade e uma grande lentidão, entre a mobilidade e o torpor.

Os esquizotímicos manifestam pendor para reagir, com extrema hipersensibilidade, a certos conjuntos de representações fortemente afectivos, às quais se ligam extrema e profundamente, até que dêles sejam libertados bruscamente por outra excitação; existem, pelo contrário, grande número de outras excitações que os deixam insensíveis, indiferentes. Às vezes, adiciona-se uma falta de correspondência entre a sua receptividade para as impressões e a sua faculdade de expressão; assim como apresentam perturbações funcionais que os impedem de elaborar e assimilar as impressões que os têm mais vivamente abalado, o que determina fàcilmente estases afectivas, ou força a sua afectividade a caminhar por vias colaterais, complicadas. Daí resulta que o seu ritmo é muitas vezes tão complicado, quanto imprevisto, porque prisioneiros em dado tempo, de uma dada representação, dela se desta-

cam bruscamente, sem que ninguém o espere, ficando indolentes depois dum período de reacções rápidas. Oscilam entre assomados e indolentes.

Nos ciclotímicos, encontra-se uma associação estreita entre a excitação alegre e a rápida sucessão das idéias (grande facilidade psíquico-motora) e uma associação não menos estreita entre a depressão, a lenta sucessão das idéias e a inibição da vontade.

Nos esquizotímicos, às vezes, os hyperestésicos ternos apresentam um imprevisto torpor no seu modo de pensar e de querer; ou muitas vezes os apáticos e frios revelam mobilidade caprichosa em certas situações.

Os equizotímicos, manifestam as suas qualidades em relação com a hiperestesia, por uma sensibilidade terna, esquisito sentimento da natureza, fina compreensão da arte, estilo pessoal cheio de gôsto e de medida, a necessidade de se ligarem apaixonadamente, uma susceptibilidade exagerada aos aborrecimentos e aos atritos vulgares da vida.

Aqueles em que predomina a anestesia apresentam-se com uma frieza cortante e activa ou com uma inércia passiva, ou com grande indiferentismo ou calma imperturbável. Os seus ritmos de humor provêm duma instabilidade indolente ou dum capricho activo. A sua tenacidade manifesta-se sob o ponto de vista do carácter por numerosas variantes: energia d'aço, teimosia invencível, pedantismo, fanatismo, lógica sistemática do

pensamento e da acção, que levam às últimas conseqüências.

A psicomotilidade dos ciclotímicos é, umas vezes rápida, umas vezes lenta, mas manifesta-se sempre (abstraindo dos casos em que existem graves inibições mórbidas) sob forma franca, natural; a mímica e os movimentos do corpo são sempre adequados à impulsão, enquanto que nos esquisotímicos os movimentos são cheios de reserva aristocrática, ou caracterizados por uma espécie de preguiça afectiva, ou, ainda, manifestam-se como que contrariados, rígidos ou tímidos.

Os ciclotímicos, na sua atitude da vida diária e na sua maneira de reagir, manifestam uma tendência a manterem-se em comunicação constante com o mundo externo e com o presente; abertos, sociáveis, sempre prontos a prestar um serviço, naturais, espontâneos, quer se entreguem a emprêsas audaciosas, quer se abandonem a uma vida contemplativa.

São os ciclotímicos que dão à sociedade o tipo do homem prático cheio de actividade, do gozador com alegria de viver.

Na sua actividade artística, os mais dotados dentre os ciclotímicos revelam-se como realistas cheios de optimismo, como humoristas cheios de bondade e indulgência.

Os ciclotímicos, na sua actividade científica, são empíricos, ligados às coisas concretas e palpáveis, vulgarizadores hábeis; na vida prática, são nego-

ciadores inteligentes, organizadores audaciosos, vendo as coisas em grande.

O temperamento esquizotímico, caracteriza-se, pelo contrário, por uma tendência à vida interior; os indivíduos desta categoria fecham-se num círculo rigorosamente individual, num mundo de idéas, de sonhos e de princípios estranhos à realidade; postulam uma oposição dos seus contemporâneos, ou movimentam-se nesta multidão sem interêsse, sem estabelecerem ligação entre ela e a sua pessoa. Encontram-se entre êles um grande número de tipos inadaptados, originais, rebeldes, vagabundos instáveis, etc.

Entre os esquizotímicos de grande valor social, encontramos o sonhador delicado, o idealista estranho ao mundo, o aristocrata da forma, ao mesmo tempo terno e frio. Na arte e na poesia, afirmam como estilistas puros, amorosos da forma, partidários do classicismo, como inimigos da multidão, idilistas sentimentais; caem fàcilmente no patético trágico, indo até ao expressionismo brutal e ao naturalismo tendencioso; revelam-se também como ironistas sarcásticos, cheios de espírito. Na actividade científica, manifestam predileção pelo formalismo escolástico, pela metafísica e pela exactidão sistemática. Quanto aos que entram na vida activa, apresentam-se com uma energia tenaz, inflexíveis, conseqüentes consigo próprios; entre êles se recrutam os grandes mestres, os moralistas heróicos, os idealistas puros, os fanáticos e os déspotas

frios, os calculadores calmos, dotados de grande habilidade diplomática.

É no mundo religioso, parece-me, que podemos de um só relance abranger grupos interessantes de cicloides ou esquisoides. Os padres brancos da Argélia, espadaúdos, activos, sociáveis, os primeiros *saharianos*, internando-se nos confins algerianos até aos oasis extremos do Saharà, são, regra geral, tipos cicloides. O Cardial Lavigerie — veja-se o retrato de Bonnat — é um tipo perfeito fisicamente e na sua acção evangelizadora. As carmelitas, contemplativas, realizam, vistas em grande, uma formação ou grupo esquizoide.

Martinho Lutero, um cicloide, e Calvino, um esquizoide, ambos tentando abater as colunas da igreja romana, eram, contudo, temperamentos bem diferentes. Isto é, uma mentalidade cicloide ou esquizoide pode realizar a mesma acção; simplesmente, ela é realizada por forma diferente.

Seria ocasião de ilustrar o que acabo de dizer com alguns exemplos. Se me fôsse possível fazê-lo, documentaria êste trabalho com várias notas sôbre a vida e trechos de alguns músicos célebres, especialmente sôbre Chopin, para demonstração do cunho que a doença imprimiu às suas produções. Em nenhuma arte, como na música, a influência dos sentimentos íntimos nas obras da imaginação se nota mais.

É bem raro notar-se nos grandes compositores o desacôrdo, por vezes tão freqüente nos outros

artistas, entre as suas obras e o seu carácter, o seu temperamento, para dizer mais precisamente.

É que a música não é uma arte de imitação. Dimana da impressão, da improvisação e da sensibilidade; é emanação quási directa da alma.

«Embora conviva e freqüente a sociedade, o esquizoide não chega a contraír com os seus semelhantes, e, muitas vezes, especialmente com a família, um convívio afectuoso, íntimo e profundo. Ante a sociedade a sua atitude é, se não francamente hostil, pelo menos reservada e fria, e, em muitos casos, sintomàticamente mordaz, irónica e satírica. Forma eminentemente superficial da sociabilidade, a ironia é simultâneamente para o esquizoide um exutório de complexos reprimidos e uma atitude sistemàticamente de defesa, de que se serve para vedar o acesso à intimidade do seu espírito» — diz o Prof. Sobral Cid em uma notabilíssima conferência.

Os elementos perturbadores do equilíbrio psíquico no tuberculoso são muitos e variados. A deficiente organização social actua como causa de perturbações mentais, como elemento alterante da produção, pelo menos de psicastenia.

A vida moderna, o regime do viva quem puder, do salve-se quem puder — pela imensidade dos atritos e das asperezas da luta pela vida — coloca o tuberculoso pobre, falto de protecção condigna, trabalhando até ao último momento, em condições particularmente eficazes para perturbar a sua mentalidade, levando-o, conforme o seu

temperamento anterior, à resignação sublime ou à surda exasperação.

O complexo d'Adler, cuja base psicológica é o refúgio na enfermidade, para compensar uma inferioridade física ou psíquica, real ou subjectiva, encontra-se sublimado em resignação nos tuberculosos pobres, regra geral e mais pronunciadamente nas mulheres.

É que a alma humana é naturalmente cristã, dizia Tertuliano. Quanto aos tuberculosos superiores, particularmente aqueles cuja vida interior se reflecte na arte e na literatura, percebe-se que a acção desta doença não tem tôda a influência que a lenda lhe atribui. Dizem Remond e Voivenel, com razão, que devemos distinguir entre aqueles em que ao menor contágio ou reïnfecção a doença evolucionou em um terreno de insuficiência constitucional, ou que, fortes, se têm reinfectado num meio a que lhes era impossível fugir—e aqueles em que a reïnfecção tem sido tardia, quási acidental, por assim dizer.

A acção psíquica da tuberculose deve ser muito diferente, segundo precede e acompanha a evolução intelectual — ou a vem interromper, depois de uma vida normal. Neste último caso, a tuberculose não tem outro valor senão o de uma doença intercorrente, diminuindo ou detendo a produção artística; o seu papel será o das grandes intoxicações; mas, atacando uma mentalidade forte, terá influência atenuada. Não se dá o mesmo nos indivíduos em que a tuberculose constitui estádio

duma fragilidade cuidadosamente defendida desde criança ou discricionàriamente gasta desde a infância.

É aqui, nestes casos, que entram, perturbadoramente, como já disse quando me referi às crianças de Potenger, as alterações do grande simpático e das das glândulas de secreção interna, que perturbados, dão a gama mais variada de perturbações psíquicas. São, fundamentalmente, a constituïção asténica, o temperamento esquizoide e o desequilíbrio simpático — endocrínico — porventura já base daquele temperamento e constituïção — (mais desequilibrado ainda pela doença, que nuns é um fôgo morto desde criança, noutros fôgo latente, vivaz ou vivo a vida inteira) que dão as modalidades do psíquismo do tuberculoso. Evidentemente — mas não quero deixar de o anotar — tôdas as constituïções podem dar um tuberculoso.

O tuberculoso, regra geral, pela gravidade que tem esta doença, torna-se o centro da atenção e da atracção de tôda a família, à volta do qual se polarizam todos os cuidados e carinhos e se mobilizam todos os recursos para a vencer, toma, já pela sua constituïção e temperamento, já pela *educação* que lhe dá o círculo de afectividade que o rodeia, um feitio de espírito especial, em que o egocentrismo é a nota dominante apresentando-se com o egoismo das crianças ou dos velhos.

Mas, num tuberculoso, — quanto à sua mentalidade — devemos ainda considerar a idade em que

a doença é evolutiva. Se ela evoluciona em um indivíduo jóvem, dos 20 aos 30 anos, êste apresenta um grande altruismo e domina-o uma bondade romântica, não pretende contagiar os outros, ergue-se num nimbo de fantasia, sobretudo se a sua doença se não prolonga desde muito, isto é, a sua mocidade faz marcha atraz para uma nova adolescência, mobilizando todos os seus complexos afectivos, dulcificando-se com a doença.

Nesta idade, o tuberculoso regressa à adolesciência, que é, como diz Rousseau, um segundo nascimento, em que a personalidade é essencialmente incoerente e instávl.

Acima dos 30 anos, — evidentemente estas marcas etárias não são absolutas — o tuberculoso, então, afina o seu egoismo. Citam-se casos em que detesta os seus irmãos com saúde, e mina-o um ódio surdo contra tudo e contra todos; o seu desejo, por vezes, seria contagiar os que o rodeiam ver caír, um após outro, todos os membros da família. Não raro — não sendo a tuberculose conjugal tão vulgar como à primeira vista poderia parecer, pela imunização por pequenas infecções que dia a dia se vão fazendo — marido ou mulher, talvez por ciúme também, desejaram arrastar consigo o conjuge com saúde.

O tuberculoso, envelhecendo, por assim dizer, vertiginosamente, com uma idade médica muito superior à idade real, apresenta tôdas as características duma involução de mentalidade, egoísta e egocêntrica, isto é, projecta a sua velhice precoce.

Estas projecções teem o seu equivalente físico, até em outras constituïções que não a asténica. Se nós olharmos — não digo examinarmos — um picnico ou um atlético que se tuberculizou, nos últimos tempos da sua vida, vemos que o antigo perfil, agora desfeito, não é mais do que uma amplificação tràgicamente caricatural do asténico.

Os homens de letras que morrem tuberculosos são muito numerosos, como vimos. Mais cerebrais que somáticos, tudo concorre para o agravamento da sua doença física e das suas dores morais.

Mas não devemos ver nesta doença muitas vezes outra coisa, do que para uns um tema elegíaco, tema êsse, em algumas épocas, muito em voga; e, para outros, um inimigo não menos temível que outras causas de decadência. O prof. Agostinho de Campos conta que quando António Nobre tinha a tuberculose como tema elegíaco era (ou parecia) um homem tão forte como os seus companheiros.

O complexo d'Adler, cujo alicerce é o exílio na enfermidade, esta reacção neurasténica, como antigamente se dizia, tanto se pode encontrar na tuberculose como em outras doenças. Aliás, um sindroma neurasténico pode, com freqüência, ser um sinal de alarme da tuberculose, como a febre, o escarro sangüíneo...

Mas um sindroma neurasténico é também um sinal de alarme (mesmo postas de banda as doenças nervosas) e de tantas outras doenças que, dá-lo como típico, seria um êrro.

A tuberculose, em certos períodos, pode afinar

a mentalidade do artista, como o café ou o alcool, por lesão do sistema glandular, especialmente da tiróide e do simpático, exagerando a sua sensibilidade e dando esta necessidade instintiva de amar e de agradar, especialmente às mulheres, e que é, algumas vezes, uma presciência da morte próxima.

Os tuberculosos são sexuais mais psíquicos do que físicos. Se nós conjugarmos esta hipertrofia da sensibilidade de orígem biológica, com o afinamento da afectividade, com a necessidade de carinho e protecção, vemos que, nestes doentes, se encontram realizadas simultâneamente as condições necessárias e suficientes dum desequilíbrio no sentido erótico e compreenderemos o porquê da feição, geralmente amorosa da personalidade do tuberculoso. Em face dum tuberculoso está-se, por vezes, em face dum ser que é um fim de raça. O que importa mais à natureza, antes da conservação dum indivíduo, é a conservação da espécie. É, pois, do lado sexual, que nêstes doentes se encontram tantas vezes acumuladas as fôrças misteriosas da natureza. Se pudéssemos estudar em pormenor a intimidade dos seus complexos reprimidos, já pela censura própria, já pela que lhe é imposta pelo ambiente hospitalar ou sanatorial, compreenderíamos que as suas manifestações amorosas não sejam tão explosivas, como de um exame superficial poderia esperar-se.

O tuberculoso é um doente que faz o *transfert* dos seus afectos com imensa facilidade, diluindo-os

por assim dizer, no círculo em que habita, nas obras que produz.

O tuberculoso vive muito apegado à vida. Da plêiade de homens de letras que eu citei, só dois se suïcidaram, pôsto que tantos tivessem sofrido imensamente. É que, como disse, o tuberculoso, se fìsicamente é um produto do tipo asténico ou displástico, mentalmente é quási sempre um esquizoide.

O máximo dos suïcídios é dos 50 aos 60 anos, e a mortalidade por tuberculose é máxima dos 20 aos 30 anos.

O suïcídio é quási um apanágio dos cicloides ou ciclotímicos, encontrando-se aliás, ainda que menos vulgarmente, nos esquizoides. Daí, o suïcídio ser muito raro nos tuberculosos, parecendo-me poder-se, ainda por êste motivo, englobarem-se, vistos numa larga síntese, nos temperamentos esquizoides ou mistos, com predomínio esquizoide.

Não há tipo fixo mental do tuberculoso. Há alguns sindromas mentais ligados à tuberculose, como a tantas outras doenças infecciosas ou tóxicas. Há muitos tuberculosos cicloides.

Quando muito, o doente que freqüentou longamente um sanatório criou um desvio mental — *Sanatorium verblödung* — dos alemães, que não é mais do que o estado mental do doente, que vive em recinto fechado e modela o seu temperamento em sentido egocêntrico.

Então ¿chegamos à conclusão de que a tuberculose não exerce nenhuma influência mental?

Exerce, e grande, não por desvio de uma mentalidade pre-existente, mas por exagêro dessa mentalidade já existente. Isto é, um indivíduo que se tuberculizou projecta mais intensamente a sua atitude mental anterior.

A tuberculose, atacando um asténico, projecta, vinca, o tipo físico anterior, desenhando mais o perfil característico, à medida que a doença progride, assim como projecta o tipo mental, ambos encadeados.

Tuberculosos, crianças uns, adolescentes ou homens-envelhecidos outros, nunca estando mentalmente a dentro da sua idade, raro (ainda que o sejam) fixando ou realisando o tipo mental do homem feito, do homem adulto, como tais devem ser tratados, eis a conclusão simplista a que queríamos chegar.

CARVALHO

Tipografia ADOLFO MENDONÇA, — Rua Bernadino Costa, 46 — LISBOA

RÓMULO
CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA
1329677038